

As representações da Economia Solidária: os valores solidários em oposição

Ivan Penteado Dourado*

Resumo: A economia solidária constitui tema gerador de discussões políticas, sociais e acadêmicas que pautam diversos projetos e ações no contexto brasileiro. Existem diferentes definições e sentidos que caracterizam essas novas práticas de geração de trabalho e renda, comumente chamados de “economia solidária”. O presente estudo objetiva captar em três espaços de expressão, as diferentes formas de conferir sentido a noção “economia solidária”. Perceber como são estruturados os valores que conferem sentido ao termo em construções teóricas e práticas, revelar as diferentes estruturas de pensamento e, como elas são legitimadas em diferentes contextos, é a contribuição que este estudo antropológico se propõe.

Palavras-chave: economia solidária, valores, ideologia, antropologia econômica.

Abstract: The solidarity economy is generating realities of topics and discussions that guide projects and actions in the Brazilian context. There are different definitions and meanings that characterize these new ways of generating work and income, commonly called "solidarity economy". This study aims to raise academic studies, and the realities cooperatives, as are constructed meanings and values for the term "solidarity economy". We did the mapping of the major works of authors taken as a reference on the subject, the analysis of some academic work in the area of Social Sciences who conducted case studies in a cooperative and ethnographic research in two cooperatives with different connections with the notion of "solidarity economy". Thus, we seek an approach that allowed the questioning of this notion in empirical three levels of representation, that tells us about the different meanings and values attributed to the notion of "solidarity economy".

Key-words: solidarity economy, values, ideology, economic anthropology.

* Mestrando em Ciências Sociais - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS – ivan.dourado@acad.pucrs.br

Introdução

Segundo os principais autores, engajados na construção conceitual de “economia solidária”, tais como Paul Singer (2002) Luis Inácio Gaiger (2004) e França Filho e Laville (2004), o reconhecimento da sua existência como fenômeno social é recente no Brasil. Os empreendimentos alternativos ganharam força somente a partir dos anos de 1990¹, em consequência do agravamento do desemprego, resultante da abertura do mercado interno às exportações. Já o conceito de economia solidária surge no Brasil apenas em 1996, sendo utilizado pela primeira vez por Paul Singer², no intuito de identificar os empreendimentos autogeridos, democráticos e solidários existentes e classificá-los por um único nome (Singer, 2002).

Não existe consenso sobre o significado dessa expressão. Diversos autores engajados na difusão dessa proposta travam debates teóricos em torno das diferentes interpretações. Porém, Paul Singer (2002), Luis Inácio Gaiger (2004) e França Filho e Laville (2004) apresentam como traço comum, a tentativa de resgatar os princípios cooperativistas formulados no início da Revolução industrial pelos chamados Socialistas Utópicos³. Essa proposta inicial buscou a criação de cooperativas, geridas pelos próprios trabalhadores, como forma de luta contra as precárias condições de trabalho e o desemprego em massa existente na época. Essas ações deram origem, no início do século XIX, ao movimento Internacional do Cooperativismo⁴.

Segundo os dados da Secretaria Nacional de Economia Solidária⁵, no Brasil existem 21.857 empreendimentos de Economia Solidária que foram mapeados em 14 estados do Brasil. Esses empreendimentos totalizam 1,751 milhão de pessoas associadas.

Um ponto importante na realidade brasileira é a existência de diferentes formas de coordenação política dessas organizações, capazes de constituir, ao longo dos últimos anos, diferentes formas de organização mais institucionalizadas. No ano de 2002 foi criado o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), e em seu primeiro encontro, no mesmo ano de sua criação, foi decidida a criação dos Fóruns Estaduais de Economia Solidária. Segundo afirma França Filho (2006), é

¹ Antes do surgimento do conceito da Economia Solidária em 1996, esses empreendimentos eram considerados pertencentes à economia informal.

² Atualmente, Singer é o responsável pela Secretaria Nacional de Economia Solidária.

³ Robert Owen, Fourier e Saint-Simon.

⁴ Movimento Internacional do Cooperativismo compreende os seguidores dos princípios de Robert Owen, as chamadas sociedades cooperativas ou também “aldeias cooperativas”. Também baseados nas concepções de Fourier e Saint-Simon. (SINGER, 2002).

⁵ Dados construídos pela Secretaria Nacional de Economia Solidária, através de mapeamentos nacionais que estão à disposição em um banco de dados chamado Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES) Data: 19/06/2009 (Disponível em: www.sies.mte.gov.br)

possível pensar a economia solidária como um movimento social, pois é no interior dos fóruns que se busca legitimar o campo da economia solidária, influenciando os planos de construção de políticas públicas, vinculadas às necessidades de incentivo público dessas iniciativas. (FRANÇA FILHO, 2006).

Esse processo de legitimação frente ao Estado resultou na criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)⁶. Existe também um Conselho Nacional de Economia Solidária, além de uma conferência Nacional de Economia Solidária que ocorre anualmente desde 2006.

Assim, dada a importância do tema na realidade brasileira, propomos no presente trabalho, uma análise antropológica das representações acerca das noções e das práticas que são identificadas como de “economia solidária”. Procuo analisar os valores conferidos à economia solidária em três formas distintas de expressão⁷, analisadas em três categorias. Essas categorias servirão para diferenciar de onde partem os discursos, tratados como níveis distintos de *representação*⁸ (MAGANI, 1986).

Buscaremos conduzir o presente trabalho mapeando os diferentes fragmentos de representação, para posteriormente hierarquizá-los e distingui-los, buscando assim identificar como é pensada “economia solidária” e qual serão os elementos que irão compor, parafraseando Malinowski (1976), o nosso “eixo de crenças”. Apresentaremos agora nossas três categorias analíticas.

A primeira categoria chamada “especialistas engajados” reúne alguns autores selecionados entre os principais responsáveis pela difusão do conceito; já a segunda categoria chamada de “acadêmicos”, reúne estudos produzidos no campo das ciências sociais, que discutiram o tema “economia solidária” e desenvolveram pesquisas em cooperativas. Essas duas primeiras categorias nos informam: *o que dizem sobre economia solidária*. Por fim, a categoria “práticas cooperativas” reúne os dados obtidos em uma pesquisa etnográfica realizada em duas cooperativas, a Coopercostura e a Coopunis. Esses dados nos informam: *como se faz economia solidária*⁹.

⁶ A Secretaria Nacional de Economia solidária foi criada no primeiro mandato do Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva. Esta secretaria está subordinada ao Ministério do Trabalho e emprego.

⁷ As dimensões escolhidas para compor o presente trabalho não esgotam a totalidade de espaços em que o tema economia solidária transita no Brasil. Reconhecemos a existência de outros agentes importantes que não estão contemplados no presente estudo. Podemos citar, entre eles, instituições ligadas diretamente e indiretamente ao estado (SENAES, Unitrabalho. Anteag, ADS/CUT), além de universidades, igrejas, movimentos sociais, entre outros.

⁸ José Magnani (1986) utiliza o trabalho de Malinowski (1974), para refletir sobre o uso do conceito de *representação*. O autor apresenta como é manejado esse conceito apresentando a construção feita por Malinowski, ao separar as diferentes fontes de informação em níveis de representação

⁹ É importante esclarecer essa divisão, entre os que dizem e os que fazem economia solidária. Essa divisão tem relação direta com o uso do conceito “economia solidária”. Pois reconhecemos a atuação prática dos intelectuais e acadêmicos e a existência de teorizações por parte dos trabalhadores cooperativos. Mas ao mesmo tempo, são os cooperados que

Analisar as diferentes formas de dar sentido ao conceito nos permitirá propor um entendimento sobre o que é economia solidária para sujeitos advindos de contextos distintos. Propomos, portanto, uma reflexão sobre o conceito, formado historicamente, criado e recriado em diferentes espaços, não sendo tratado com instrumento de análise, mas como objeto deste estudo antropológico.

Além da introdução, pretende-se neste estudo a divisão do trabalho em quatro seções, seguindo a seguinte proposta de organização: A primeira consiste na análise das produções de Jean Laville, Paul Singer e Luis Gaiger, identificando suas propostas conceituais, apresentando suas construções valorativas e seus aspectos divergentes, analisados com base nas idéias de Louis Dumont (2000).

Na segunda seção, analisaremos alguns trabalhos acadêmicos que objetivaram propor estudos de caso em cooperativas, e nos informam sobre o uso dos conceitos na prática de pesquisa. Na terceira seção, apresentaremos a análise dos dados etnográficos obtidos em duas cooperativas. Essa análise será baseada nas idéias de DaMatta (1985) e Duarte (1986). Na quarta seção apresentaremos as conclusões finais da presente pesquisa.

O que dizem sobre economia solidária:

“Mas aqui há um problema: nosso material é constituído de textos particulares de autores particulares. Como reconhecer o que é social e o que não é social em cada texto? A resposta encontra-se, a princípio, na relação entre os diferentes textos. Pode ocorrer que eles se copiem mutuamente ou, ao contrário, que eles não tenham nada em comum. No conjunto, entretanto, há representações fundamentais, configurações que são comuns a um grande número deles (DUMONT, 2000).

Existem diferentes concepções sobre o que é economia solidária. Singer (2000) concebe economia solidária como um novo modo de produção e distribuição; França Filho (2004) propõe entendê-la como movimento social; já Lechat (2004) define “economia solidária” como um espaço de lutas por significados travados no interior do campo ou ainda, “novas práticas culturais de cunho solidário” (LECHAT, 2001). Segundo afirma Cruz: “*Economia solidária* é uma expressão conceitual ‘em disputa’. Aqueles que defendem a utilização da expressão não coincidem no seu sentido (...)” (CRUZ, 2006 p. 37).

Nossa proposta de entendimento procura captar a economia solidária em termos simbólicos. Buscaremos pensar “economia solidária” como um conjunto de valores pensados em diferentes níveis de representação. Surgem assim, duas importantes questões: Como é possível pensar uma prática que se diz econômica como representação? E como é possível sustentar a ideia de pensar a economia como um conjunto de valores?

vivem da economia solidária, enquanto os intelectuais e acadêmicos estudam e propõe suas definições.

Um autor que nos ajuda a responder essas questões é *Louis Dumont*¹⁰. Em seu livro, *Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica*, ele centra seus estudos nos “fenômenos econômicos”, considerando-os como um sistema de representações. Segundo ele:

(...) se o objeto, a “economia”, é uma construção e se a disciplina particular que o constrói não pode nos dizer como a faz, se não pode nos dar a *essência* do econômico, os *pressupostos* de base sobre os quais é construído, então, será necessário procurá-lo na *relação entre o pensamento econômico e a ideologia global*, ou seja, no lugar do econômico na configuração ideológica geral (DUMONT, 2000 p. 38).

Dumont toma a ideologia como uma unidade de representação, um conjunto de ideias ou valores comuns em uma sociedade. Isso lhe permite isolar os “fenômenos econômicos” extraindo-os do tecido em que se encontram inseridos (DUMONT, 2000).

Segundo afirma Lechat (2004) a economia solidária tomada como expressão, pode ser definida como um conjunto de projetos e práticas heterogêneas. Porém, essa expressão não define seu caráter econômico e não ofereceria, segundo ela, uma explicação em si. Ela recorre então a (VAINER, 2000: 10), que constata que a “economia solidária é um oxímoro, tentativa de reunir palavras contraditórias que se repelem e se opõem – economia e solidariedade” (LECHAT, 2004 p.26).

Se pensarmos que por trás da formulação conceitual que pretende os idealizadores da “economia solidária”, o termo “solidária” carregaria uma tentativa de inserir um valor moral nessa definição. Seguindo esse raciocínio, é possível discutir essa noção em termos valorativos. Isso nos permitiria apontar que a origem do próprio conceito “economia solidária” reflete uma tentativa de diferenciação em relação ao conceito econômico tradicional. Para esclarecer nosso raciocínio, retomaremos algumas ideias propostas por Louis Dumont¹¹, ao analisarmos os autores conceituais.

¹⁰ Louis Dumont (2000) toma como objeto de análise a trajetória de construção dessa ideologia econômica. Ele percorre a trajetória da construção intelectual da economia, através da análise de textos clássicos da economia política, tais como Quesnay; Locke; Mandeville; Adam Smith e Karl Marx, selecionados a partir da leitura da *História da Análise Econômica* de Schumpeter (1854). Busca assim, apresentar a gênese da categoria econômica no pensamento ocidental moderno. Esta gênese o autor identifica no processo de autonomia que a categoria “economia” adquiriu frente à política e à moralidade (DUMONT, 2000).

¹¹ Segundo Dumont: “a economia repousa sobre um julgamento de valor, uma hierarquia implícita; a categoria supõe a exclusão ou a subordinação de qualquer coisa. Em outros termos, aprendemos que tipo de “desvio” realizamos quando cremos simplesmente “estudar economia” (DUMONT, 2000 p.40).

Buscaremos identificar como são construídos ideologicamente alguns dos diferentes conceitos de economia solidária. A nossa primeira frente de pesquisa consistirá na reunião dos autores mais relevantes do campo da economia solidária no Brasil. Para tanto, Dumont nos ajudará a analisar as diferentes propostas conceituais, identificando os elementos simbólicos existentes e as diversas formas de oposição à economia tradicional.

A produção conceitual sobre economia solidária é bastante ampla, coexistindo diferentes entendimentos e perspectivas. Presente em muitos países, os diferentes conceitos possuem trajetórias e características distintas. Segundo Pablo Guerra (2002), existem duas grandes correntes de estudo de economia solidária: a corrente latino-americana, com autores como Razeto (1993), Arruda (2002); e a corrente européia com autores como Chaniel (2002), Laville (2006) (GUERRA, 2002). O foco do presente estudo, porém, limita-se ao contexto brasileiro.

Utilizaremos artigos e capítulos de livros produzidos por Paul Singer¹², Luis Gaiger¹³ e Jean Laville¹⁴, que nos servirão para captar a noção “economia solidária” presente em cada proposta. Cabe ressaltar que o presente trabalho possui algumas limitações. Não pretendemos esgotar todas as obras e todos os escritos produzidos pelos autores e nem dar conta das transformações ocorridas com suas propostas conceituais ao longo do tempo. Reconhecemos esse campo como em constante transformação, um campo vivo de disputas e de lutas pela legitimação das propostas. Ao mesmo tempo, não será possível no presente artigo, apresentar a análise detalhada de cada autor¹⁵, mas apenas os valores econômicos identificados¹⁶ em cada proposta.

Essas obras serão apresentadas como fontes de informação que nos permitem o acesso a esse nível de representação conceitual. Apresentaremos agora os valores principais, capazes de definir em cada proposta, o que é “economia solidária”. Esse processo de análise nos permitirá ao final, captar o elemento ideológico comum, presente nesses nas propostas desses três autores conceituais.

¹² *Economia solidária, um modo de produção e distribuição* (2000); *Economia dos Setores Populares: propostas e desafios* (2000b); *Introdução à Economia solidária* (2002); *A recente ressurreição da economia solidária no Brasil* (2002c); *Economia Solidária* (2003); *As grandes questões do trabalho no Brasil e a economia solidária* (2003b); *Prefácio - Um olhar diferente sobre a Economia solidária* (2004); *Desenvolvimento Capitalista e Desenvolvimento Solidário* (2004b).

¹³ *Significados e tendências da economia solidária*. (1999); *A Economia Solidária diante do Modo de Produção Capitalista* (2002); *Empreendimentos econômicos solidários* (2004); *A economia solidária e o projeto de outra mundialização* (2004b); *A economia solidária no Brasil e o sentido das novas formas de produção não capitalista* (2004c); *A racionalidade dos formatos produtivos autogestionários* (2006); *A dimensão empreendedora da economia solidária: notas para um debate necessário* (2008).

¹⁴ *Fato associativo e Economia Solidária* (2002); *A Economia solidária: uma abordagem internacional* (2004); *Ação Pública e Economia Solidária. Uma perspectiva Internacional* (2006); *Do século 19 ao século 21: permanência e transformações da solidariedade em economia* (2008); *Definiciones e instituciones de la economia* (2009).

¹⁶ Os valores econômicos serão destacados em negrito ao longo do presente texto, realçando assim essa identificação valorativa.

De um lado há a figura de Paul Singer, um economista que parte principalmente de bases teóricas marxistas, colocando a capacidade revolucionária na economia solidária como característica primeira. Esse autor utiliza estudos e contribuições de outros estudiosos da área, juntamente com a experiência de coordenação de incubadoras sociais para construir suas contribuições. A perspectiva de Singer constitui a visão mais política, engajada e propositiva, possível de acompanhar em sua trajetória de militância política relacionada à defesa da proposta socialista de economia solidária.

Singer constrói sua proposta de economia solidária em clara oposição aos valores capitalistas. Ele apresenta uma concepção de economia com capacidade de **superação do modelo econômico vigente**¹⁷. Os valores **solidários** apresentados em sua concepção servem como **provas de uma superioridade na concepção de economia solidária** em relação à economia capitalista.

Os valores centrais que orientam a proposta de Singer são: **trabalho solidário, autogestão solidária, coletividade autogestionária, socialização, liberdade, igualdade, justiça, vantagem competitiva, modo de produção solidário, modo de distribuição solidário, alternativa superior, aprendizado, amadurecimento, experiência pedagógica, experiência libertadora, gestão democrática, caráter revolucionário, revolução individual, revolução local, ajuda aos desfavorecidos.**

Essa lista de valores, existentes na proposta de Singer, demonstram a sua visão de economia solidária como processo que, capaz de consolidar uma superação, uma visão utópica para a sociedade, uma forma de revolução social.

Já Gaiger, figura como um sociólogo engajado, com perfil mais acadêmico. Ele utiliza conceitos weberianos, tal como “tipo ideal”; e conceitos marxistas, tal como “modo de produção”, e propõe uma análise calcada em dados quantitativos e qualitativos. Gaiger possui como centro de sua perspectiva os *empreendimentos econômicos solidários*, o que constitui um dado relevante sobre sua perspectiva.

Gaiger constrói sua proposta de economia solidária como uma construção teórica, que permite o estudo da viabilidade e as características existentes nesses espaços. Ele apresenta uma abordagem sociológica, apontando para a possibilidade de construção de indicadores que permitam analisar e captar os diferentes aspectos que compõem o que chama de “economia solidária”.

Os valores centrais que orientam a proposta de Gaiger são: **autogestão, cooperação, eficiência, viabilidade econômica, responsabilidade social, igualdade, desenvolvimento humano, cooperação de trabalho, aspectos empreendedores, solidarismo empreendedor, administrar, livre associação, gestão conjunta, virtudes da comunidade, liberdade, comunitário, liderança.**

Essa lista de valores, existente na proposta de Gaiger, demonstra a sua visão de economia solidária enquanto abordagem analítica, uma construção científica do conceito, o que permite a sua operacionalização em estudos empíricos, construindo indicadores.

¹⁷ Deste ponto em diante, todos os grifos são nossos e objetivam destacar os elementos valorativos identificados nos discursos dos informantes.

É perceptível neste autor, o uso de palavras características do vocabulário capitalista, tais como gestão, empreendedorismo, responsabilidade social e eficiência, mas re-significadas com base em um léxico “Solidário”. Essa postura constitui um movimento inverso do qual Bourdieu (1998 e 2001) denuncia como estratégia oriunda do “discurso dominante neoliberal”¹⁸.

Já Lavelle possui uma inserção importante no debate conceitual sobre economia solidária em contexto Europeu. Lévesque (2007) afirma que Lavelle insere-se no debate proposto pela Nova Sociologia Econômica e defende uma espécie de re-contextualização da nova economia social (Lévesque, 2007 p. 52). Lavelle é o autor que mais se aproxima da concepção de Dumont (2000) na crítica a concepção de economia defendida pelos economistas neoclássicos.

Para Lavelle, se a economia mercantil não é a única forma de produção de riqueza, isto é, ela não é a única forma de economia, as empresas capitalistas também não configuram única forma possível de empresas.

Lavelle insere sua proposta de economia solidária criticando a construção do conceito “economia” segundo os teóricos neoclássicos. Ele afirma a existência de diferentes princípios e utiliza a sua proposta de economia solidária para demonstrar a existência de espaços que além de existirem diferentes princípios econômicos em equilíbrio, possuiriam potencial para a construção de novos espaços de interação social.

Os valores centrais que orientam a proposta de Lavelle são: **laços comunitários, solidariedade abstrata, construção coletiva, solidariedade comunitária, solidariedade democrática, democratização da economia, engajamento cidadão, economia plural, autonomia, democracia, pluralidade, sociabilidade, espaço público.**

Esses valores existentes na proposta de Lavelle apresentam sua “grade” de valores nos quais opera sua construção conceitual. Demonstra ainda a proximidade existente entre esse autor e Dumont (2000) nos estudos dos princípios e valores que operam a categoria “economia” enquanto construção intelectual.

É possível perceber que muitos valores utilizados pelos autores coexistem nas três propostas conceituais, tais como: **autogestão, autonomia, solidariedade, igualdade, democracia, liberdade.** Porém, o que os diferencia na leitura dos autores é a capacidade que esses valores possuem de se confrontarem ou se inserirem na realidade, seja ela revolucionária (Singer), plural (Lavelle) ou em processo de construção (Gaiger).

Quando comparamos as propostas conceituais, é possível revelar o que Dumont (2000) chamou de “elementos implícitos da ideologia”. Ao revelarmos os valores que dão sentido às propostas de economia solidária, é possível afirmar a centralidade da discussão da categoria “economia” nas propostas conceituais desses autores. Essas propostas apontam para construções ideológicas comuns, existentes na ordenação e hierarquização de alguns valores presentes nessa

¹⁸ “Há também todo um jogo com as conotações e as associações de palavras como flexibilidade, maleabilidade, desregulamentação, que tendem a fazer crer que a mensagem neoliberal é uma mensagem universalista de libertação” (BOURIEU, 1998 p.44).

dimensão de representação, em relação ao que entendem por “economia” e por “solidária”.

Mesmo os autores propondo concepções que se inserem de formas diversas na realidade social, a centralidade na discussão do papel da “economia” é um dado extremamente revelador nas três propostas conceituais de economia solidária.

Segundo aponta Dumont (2000), a economia é resultado de uma construção social, e para entender em que ela consiste e buscar a sua essência, é necessário procurá-la “na relação entre o pensamento econômico e a ideologia global, ou seja, no lugar do econômico na configuração ideológica geral” (Dumont, 2000: 38).

Assim, quando os três autores constroem seus conceitos de economia solidária, mesmo que apresentem tentativas de inclusão ou articulação das dimensões moral e política, a economia permanece ainda como uma categoria descolada do tecido social. Dumont (2000) apresenta que o valor principal da ideologia moderna é o indivíduo.

Não é difícil perceber por trás das palavras “liberdade” e “igualdade” o substrato, a valorização do indivíduo. O mesmo procedimento ocorre na maior parte do tempo: somente os predicados são expressos, Não os sujeitos. Conseguimos pôr em evidência este último, no caso presente, isolando o indivíduo como valor (...) (DUMONT, 2000 p. 32).

No plano conceitual, é possível perceber, nas propostas de Singer, Gaiger e Laville, a busca pela construção de novas práticas econômicas, orientadas por valores, mas que independente da sua capacidade de superar o modelo econômico vigente, mantêm¹⁹ o indivíduo como valor principal.

Esse indivíduo não é mais concebido como individualista e egoísta, seguindo a concepção do *homo-economicus* de Adam Smith (1896)²⁰. Na atual proposta da economia solidária, existiria uma concepção de “indivíduo solidário”. Ou seja, os valores “liberdade” e “igualdade” permanecem, mas agora somados a valores que fazem referência à solidariedade.

(...) a emergência de uma “representação coletiva” no sentido de uma relação ou de um conjunto de relações. Quer essas relações apareçam freqüentemente, quer esclareçam outras relações ou representações, constituem, segundo todas as aparências, uma

¹⁹ Afirmamos a manutenção do indivíduo enquanto valor, com base na identificação deste mesmo valor como valor central na economia capitalista.

²⁰ Segundo Adam Smith (1896) o conceito de *Homo-econômicos* apresenta a definição de homem naturalmente propenso à barganha, um ser egoísta e racional.

manifestação particular – que pode ser inicial para nós – de um fenômeno verdadeiramente ideológico (DUMONT, 2000 p. 31).

Essa questão do “indivíduo” constitui exatamente nosso ponto de reflexão para pensar a realidade brasileira. Assim, essa primeira dimensão de representação nos permite acessar as construções conceituais, captar os valores inseridos em três propostas conceituais, que servirão de parâmetro para enxergar as práticas cooperativas. Além disso, nos permite perceber que existe uma concepção de “indivíduo” comum nas propostas conceituais, e esse dado constituirá um dos principais elementos para a construção das análises que virão a seguir.

O que dizem sobre economia solidária: “Acadêmicos”

Propomos agora, analisar um estudo produzido no campo das ciências sociais, que discutiu o tema “economia solidária” e desenvolveu pesquisas em cooperativa. Escolhemos apresentar o trabalho desenvolvido por Barreto e Paula (2009)²¹, pois o mesmo é representativo em relação aos demais estudos existentes²². Em grande parte desses estudos, os autores partem das propostas conceituais dos “especialistas engajados”, utilizando os valores “solidários” como indicadores, que teriam capacidade de medir os “níveis” de solidariedade.

Essa abordagem permite dois exercícios teóricos importantes para o estudo do tema. Primeiramente apresenta algumas características comuns na realidade do trabalho cooperativo em outra região do Brasil. Num segundo aspecto, permite visualizar os limites existentes nas concepções analíticas utilizadas nesse trabalho. Cabe ressaltar que essa análise propõe a discussão de algumas questões referentes ao uso das propostas conceituais dos “especialistas engajados”, quando os mesmos são tratados como “conceitos perfeitos”²³, revelando assim alguns aspectos limitadores presentes nessas concepções.

No artigo de Barreto e Paula (2009), as autoras apresentam um estudo de caso em uma cooperativa de produção²⁴, a COOPETEX – Cooperativa de Produção

²¹ A pesquisa desenvolvida por Raquel de Oliveira Barreto, graduada em Administração pela UFMG, e Ana Paula Paes de Paula, Doutora em Ciências Sociais e professora da mesma universidade. As autoras propõem estudo de caso em uma cooperativa na cidade de Itaúna, Minas Gerais. A última pesquisa tem por autora Alícia Ferreira Gonçalves, UFC (Universidade Federal do Ceará), desenvolveu um estudo etnográfico em cinco cooperativas vinculadas a ADS/CUT do Estado do Ceará.

²² Tais como: (Mondadore, 2008); (Gonçalvez, 2007).

²³ Ou seja, quando os conceitos são tratados como referência do que é “economia solidária”, pois agrupariam todos os elementos definidores dos espaços mais fiéis a proposta de “economia solidária”.

²⁴ Segundo Barreto e Paula (2009) a escolha por uma cooperativa como objeto de estudo deu-se em função de Singer (2002) afirmar que este tipo de empreendimento corresponde à representação máxima da Economia Solidária.

de Artigos têxteis²⁵. As autoras objetivaram em seu estudo captar as diferenças de postura na relação **indivíduo**²⁶-trabalho no contexto cooperativo, “a importância de uma inserção consciente na lógica cooperativista para o sucesso deste tipo de empreendimento” (BARRETO e PAULA, 2009 p.200), e a existência dos mesmos no dia-a-dia da cooperativa.

O fato de que o ingresso em uma cooperativa baseia-se na **livre** opção do **indivíduo** pressupõe o seu interesse em aderir à proposta, o que é correlato à participação nas decisões e à busca por um constante aprimoramento profissional. (...) bem como do empenho em fazer com que a vivência dos seus princípios signifique uma transformação muito além da geração de renda e emprego, e sim uma mudança de caráter social. Discute-se, portanto, como realizar tais objetivos que exigem uma determinada visão do **indivíduo** acerca da realidade, se este permanece submerso nos valores de uma economia tão antagônica (BARRETO e PAULA, 2009 p.202).

As pesquisadoras utilizam as concepções de (França Filho e Laville, 2004) e (Singer, 2002) como base conceitual referente ao conceito economia solidária. Apresentam a crítica dos valores capitalistas e a proposta de economia plural existentes na proposta de Laville. E com base em Singer, apresentam a existência de um modelo superior, capaz de superar o modelo capitalista existente na proposta de economia solidária. Em algumas partes do texto, as autoras não distinguem qual das propostas conceituais elas estão se referindo, em outros, elas juntam as propostas em uma construção comum. Como exemplo, elas afirmam:

A partir dessa visão de economia plural, um dos conceitos de Economia Solidária pode ser definido como um conjunto de iniciativas da sociedade civil que possuem objetivos econômicos, mas que visam, acima de tudo, à disseminação de valores como a democracia e a igualdade, bem como o estreitamento de laços sociais²⁷ (BARRETO e PAULA, 2009 p.200).

Em oposição ao modelo capitalista, Barreto e Paula (2009) discutem a necessidade de uma mudança de postura dos indivíduos e a percepção dos

²⁵ A Coopetex originou-se da falência de uma grande indústria do setor têxtil, que decretou sua falência em março do ano 2000. Meses depois os funcionários arrendaram a empresa e deram origem a cooperativa. Na origem eram vinte e quatro cooperados, número que cresceu para cento e sessenta. Trabalham oferecendo exclusivamente o serviço de facção (BARRETO e PAULA, 2009 p.200).

²⁶ Ver nota 15.

²⁷ Nessa passagem, as autoras citam (França Filho e Laville, 2004) e (Singer, 2002).

mesmos sobre a importância da inserção em um projeto de economia solidária. Argumentam que esse sistema, baseado na solidariedade, é possuidor de diferentes princípios, no qual o objetivo maior não é a atividade econômica, mas “o aprimoramento do ser humano enquanto ser social” (BARRETO e PAULA, 2009 p. 200).

As autoras apresentam a necessidade de ocorrer mudanças nos valores presentes nos **indivíduos**. A conscientização seria um importante caminho para o surgimento de “empreendimentos solidários originais, ou seja, aqueles que funcionam de acordo com a proposta de Economia solidária” (BARRETO e PAULA, 2009 p. 203).

Barreto e Paula definem três unidades de análise para o estudo da COOPETEX: **participação, princípios cooperativistas** e a presença dos **valores capitalistas**. Os “princípios cooperativistas” são utilizados como sinônimo para os valores presentes na economia solidária, e afirmam que “a presença dos mesmos torna-se indispensável, visto que são responsáveis pela identidade de uma cooperativa e funcionam como diretrizes de funcionamento da mesma” (BARRETO e PAULA, 2009 p.205-6).

As autoras percorrem os “valores cooperativistas”, e utilizam: **Adesão voluntária e aberta, autogestão, participação econômica, autonomia, independência, aperfeiçoamento profissional** (educação, capacitação e informação), **caráter social, democracia e solidariedade, relações intercooperativas e interesse pela comunidade**, como indicadores²⁸ para medir a existência desses valores.

Barreto e Paula (2009) observam no estudo desta cooperativa, “um profundo desconhecimento dos princípios do cooperativismo, principalmente dentre aqueles ligados à produção, os quais não souberam, sequer com palavras próprias, opinar sobre o assunto” (BARRETO e PAULA, 2009 p.206). As autoras afirmam que essa “falta de consciência” em relação aos princípios, apontam para uma inserção inconsciente na proposta de economia solidária.

(...) buscou-se compreender o funcionamento da COOPETEX, bem como identificar se este é compatível com a proposta da Economia Solidária. Foi possível constatar o quanto os **valores e métodos capitalistas** ainda se fazem presentes, o que torna a cooperativa, salvo em alguns aspectos, uma reprodução das empresas convencionais (...) as mudanças no ambiente de trabalho não podem ser percebidas justamente porque as próprias pessoas não mudaram a sua postura ao se inserirem na cooperativa, isto é, a falta de consciência acerca do que constitui a proposta cooperativista faz com que a

²⁸ Barreto e Paula (2009) constroem uma tabela, onde os valores são listados. Para cada valor, são apontados se eles foram identificados na cooperativa (nos quais são atribuídos os termos: sim, não, parcialmente, pouco e muito pouco) seguidos das justificativas para cada um dos itens listados (BARRETO e PAULA, 2009 Pag. 13).

COOPETEX exista enquanto uma reconstituição da antiga Itaunense, com as mesmas instalações, pessoas e valores (BARRETO e PAULA, 2009 p.207-8).

Essa estratégia de pesquisa revela um pressuposto das autoras na qual, para existir os valores identificados como “solidários” no interior de uma cooperativa, os cooperados teriam que explicar seu significado, do contrário, esses valores não existiriam. Essa estratégia de pesquisa incide diretamente em sua conclusão inicial, quando afirmam que “a realidade de uma adesão inconsciente aliada ao desinteresse em conhecer a essência do movimento contribuem amplamente para a perpetuação de um modelo que nem sequer caminha na direção do ideal” (BARRETO e PAULA, 2009 p. 208).

Barreto e Paula apontam algumas alternativas para a modificação dessa realidade. Tal como a inclusão do cooperativismo no ensino fundamental, médio e superior. Segundo elas “(...) ao despertar o interesse das pessoas, poderia [assim] resultar na constituição de empreendimentos fiéis à proposta de economia solidária (...) e a construção de uma sociedade mais igualitária e justa” (BARRETO e PAULA, 2009 p. 211).

As autoras apontam também para a importância de mais incentivos por parte do poder público, na busca de atendimento as necessidades dos empreendimentos, permitindo que os mesmos possam voltar seu foco para questões de cunho social²⁹ e para um maior aproveitamento dos cursos oferecidos pela OCEMG por parte das cooperativas (BARRETO e PAULA, 2009).

O uso deste mesmo método de pesquisa, não constitui um caso isolado³⁰. O método escolhido é recorrente em pesquisas empíricas, e revela o uso de indicadores para captar as características “solidárias”. Outro elemento recorrente são as formas escolhidas para captar a existência dos valores ditos de “economia solidária”. Nos quais só são identificados no cotidiano da cooperativa, se os cooperados conseguem explicar o significado desses conceitos.

A utilização dessa mesma estratégia de pesquisa nos permite apontar para as limitações refletidas nas conclusões desses estudos. Estudos de caso, onde os pesquisadores buscam “medir” a solidariedade, permitem comprovar de um lado o que já era esperado, como no caso de Barreto e Paula (2009), que identificam no interior da cooperativa, muitos elementos que não pertenceriam ao ideal de economia solidária. Neste estudo, as autoras apontam para alternativas e sugestões para as dificuldades encontradas, mas não utilizam para isso seu próprio estudo, propondo soluções de agentes externos, tal com educação e maior incentivo governamental.

Um elemento comum identificado no exemplo que representam os demais estudos, é que todos eles partem da existência de **indivíduos** no interior dos

²⁹ Um elemento curioso nessa conclusão das autoras, é que mesmo utilizando a concepção de “economia solidária” de Laville, elas separam o social do econômico, reproduzindo assim a lógica economicista do qual Laville critica. Ou seja, que a esfera econômica está descolada do tecido social.

³⁰ Ver (Mondadore, 2008); (Gonçalvez, 2007).

espaços cooperativos. Reproduzem assim, a centralidade deste conceito, existentes nas propostas dos “especialistas engajados” que apontam a existência de “indivíduos solidários”.

Ao permanecer a idéia da existência de “indivíduos”, os estudos acadêmicos priorizam captar, entre outras coisas, se os valores identificados nos discursos dos cooperados estão de alguma forma, afinados com as propostas dos “especialistas engajados”. Essa metodologia adotada possibilitaria medir através desses indicadores, *o quanto do solidário possui essa economia*, mas acaba por reduzir a realidade analítica.

Uma primeira conclusão possível na análise dessa dimensão, é que os autores, ao utilizarem esse método de estudo, ficam impossibilitados de captar o que é “economia solidária” para o conjunto de cooperados que habitam um espaço cooperativo. Um efeito dessa não problematização do sentido empírico da economia solidária, é que esses trabalhos se mostram incapazes de captar quais elementos “solidários” são acionados e em que contexto eles surgem.

Assim, apresentaremos no próximo capítulo, um estudo empírico desenvolvido em duas cooperativas. Esse estudo apresentará uma concepção analítica, que permite privilegiar o ponto de vista dos sujeitos inseridos na prática de trabalho, identificando o que os mesmos entendem por “economia solidária”. As propostas conceituais dos “especialistas engajados” servirão como tipos ideais (Weber, 1966), tratando as falas dos cooperados como uma dimensão de representação da economia solidária, nos quais os diferentes valores conceituais podem ser acionados em diferentes contextos e nos permitirão captar o que é economia solidária para esses trabalhadores.

Como fazem economia solidária: As “práticas cooperativas”

Dois cooperativas foram escolhidas para a pesquisa de campo. A Coopercostura e a Coopunis possuem contextos sociais distintos, além de habitarem o mesmo prédio³¹ localizado no centro de Porto Alegre, ambas cooperativas possuem uma ligação distinta com a noção “economia solidária”.

A COOPERCOSTURA - Cooperativa de Trabalho em Costura - possui vinte membros, nos quais dezesseis trabalham em casa e quatro³² trabalham diretamente na cooperativa. Totalizam dezenove mulheres e um homem. A cooperativa surgiu de um anúncio de jornal, convocando mulheres da região para fundarem uma cooperativa. O que inicialmente era para ser uma “coopergado” foi posteriormente reorganizada e se constituiu como cooperativa. Trabalham principalmente nas demandas do setor estatal: produção de bolsas para eventos

³¹ O prédio era anteriormente ocupado pela OCERGS, que posteriormente abandonou o espaço e cedeu alguns andares para a ocupação. Além das duas cooperativas, existem também outras organizações ligadas ao cooperativismo e à economia solidária.

³² Nossos informantes serão os quatro cooperados que trabalham diretamente nesse espaço. São eles: O cooperado L, a Cooperada J, a Cooperada H e a Cooperada L. Todos os nomes foram preservados no presente relato, objetivando resguardar anonimato dos mesmos.

políticos, vestimentas para prática de esportes comunitários etc. Ela foi classificada no último Mapeamento Nacional de Economia Solidária³³ como fazendo parte desta categoria. Assim, essa primeira cooperativa é vista como de economia solidária.

Os membros que trabalham na cooperativa possuem experiências anteriores de trabalho assalariado. Essas experiências são apresentadas pelas cooperadas como trabalhos que surgiram como “formas de ganhar a vida”.

Já a COOPUNIS - Cooperativa dos Universitários Solidários - possui 37 membros³⁴, que totalizam 22 mulheres e 15 homens. Ela surgiu da organização de professores e universitários recém formados, que objetivaram construir uma cooperativa para oferecer oportunidade de trabalho na sua área de formação e construir um espaço democrático de convivência. Essa cooperativa trabalha principalmente na busca por editais públicos de projetos sociais, culturais, profissionalizantes, seminários, feiras, formações etc. Objetiva com esses editais, oferecer emprego aos seus membros e a inserção na realidade social. A própria cooperativa leva a palavra solidária em seu nome, resultado de sucessivos debates entre seus membros.

Outro dado importante é a predominância de cooperados recém formados em cursos universitários ainda não absorvidos pelo mercado de trabalho. Eles, em sua maioria, buscam obter na cooperativa, oportunidades de trabalho em sua área de formação.

Com base nos dados etnográficos, oriundos dessas duas realidades, é possível apresentar algumas questões importantes. Essas cooperativas, além dos problemas financeiros existentes, possuem grandes dificuldades de manter o vínculo dos seus membros com a organização. Segundo a visão dos cooperados, “eles não se adaptam ao trabalho cooperativo” segundo a cooperada H, ou “não entendem os valores solidários” segundo afirma o Cooperado E.

Durante o levantamento de entrevistas e do convívio diários nesses dois espaços, identifiquei a existência de conflitos que refletem a constante construção do que é “ser um cooperado”. Nesses conflitos, os valores pertencentes à pessoa e o papel desempenhado pelas cooperativas na construção de indivíduos é explicitado em suas falas. Aqui, retomamos os conceitos de *indivíduo e pessoa* e de *casa e rua* do DaMatta (1985) para pensar essas questões. As falas de dois cooperados identificam essa questão.

A cooperada H, com 40 anos de idade, nascida na grande Porto Alegre e com experiência de trabalho em diferentes áreas, quando perguntada sobre a sua vontade de voltar a ter carteira assinada e como entende o trabalho cooperativado, ela afirma:

³³ Realizada no mês de março de 2010 pelo SENAES, objetiva atualizar os dados que compõem o novo Mapeamento Nacional de Economia Solidária. Dados disponíveis no Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES) em www.sies.mte.gov.br

³⁴ Desses membros, dois informantes foram escolhidos para o estudo desse espaço, o Cooperado P e o Cooperado E. (Ver citação 30).

(...) eu gosto do que eu faço,mas em termos de... como é que eu vou te dizer... de “grana”, tu tem que trabalhar muito entendeu? Quando eu **trabalhava fora** eu ganhava super bem. Lá tu tem décimo terceiro, férias...e aqui tu não tem nada disso, entendeu? Tu não tem nada disso...teve um tempo que eu até estava a fim de desistir, só não desisti por causa dela aqui (Cooperada L) por que ela é assim ó, muito **amiga** (Cooperada H).

Essa passagem apresenta a visão comparativa do trabalho cooperativo com a experiência de trabalho assalariado anterior. Porém, esse discurso evidencia também a sua visão do espaço de trabalho. Buscaremos agora refletir sobre os elementos valorativos existentes em seu discurso.

Quando a cooperada H, distingue o que é o trabalho de “fora” e apresenta como justificativa que a fez continuar a trabalhar “dentro” da cooperativa, vemos o uso de valores morais em seu discurso, tais como a amizade e o companheirismo, que apontam para uma forma de conceber o espaço, que segundo aponta DaMatta (1997), são “leituras pelo ângulo da casa [que] ressaltam a pessoa. São discursos arrematadores de processos ou situações. Sua intensidade emocional é alta. Aqui, a emoção é englobadora, confundindo-se com o espaço social(...)” (DAMATTA, 1997).

Outro exemplo que ilustra essa visão do trabalho, dotado de um olhar emocional pode ser percebido no discurso da Cooperada H. Quando perguntada sobre a convivência em um mesmo espaço de trabalho, ela afirma:

De vez em quando “quebra o pau” (risos)..que nem família. “Báh”, tu não tem noção do que dá de briga **aqui dentro**. Assim ó, por exemplo nós, eu e ela **aqui dentro**, eu sei que nós, que eu sou muito brava **aqui dentro**, no momento em que tu, no momento em que tu me desrespeitou, né? No momento em que tu me desrespeitou como pessoa e como profissional, aí eu fico furiosa, entendeu?...Eu acho que é normal....não sei, pois quando eu **trabalhei fora** com muitas pessoas, não era assim(...) (Cooperada H).

Já na COOPUNIS, o cooperado E, que possui a função de primeiro secretário da cooperativa, com aproximadamente trinta anos de idade, natural do interior do Rio Grande do Sul, com experiências de trabalho anteriores em diversas áreas. Quando perguntado sobre os motivos que levam as pessoas a ingressarem e se identificarem com a cooperativa, ele responde:

*(..)Tu acaba ficando...eles esperam que tu seja uma Madre Teresa de Calcutá.(...) E assim a, se identificar é uma questão de não ter **lá fora** o que fazer. Então é um lugar que se encontram aqui, que tu não fica, se tu não estiver aqui tu vai*

estar aonde? Não está mais na universidade, tu não tá, não tá tendo um trabalho, e aqui acaba sendo parte das discussões que são feitas na universidade são feitas aqui dentro(...) tu se encontra, não fica totalmente perdido, não fica no vácuo.(...) Teve um caso da nossa vice presidente que saiu para trabalhar fora. Foi para lá e acabou voltando depois. Mas no fim ela pediu demissão. Ela não tinha mais perspectiva de ficar.(...) (Cooperado E).

Esses discursos, tanto da cooperada H, quanto do cooperado E, refletem uma visão comum sobre suas concepções dos espaços de trabalho. O espaço de trabalho cooperativo é tratado por ambos como “aqui dentro”, em oposição ao “lá fora/ trabalhar fora”. Essa dualidade nos permite utilizar como parâmetro a construção proposta por DaMatta de “casa e rua”, que constituem esferas de significação social que “fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes. É que eles contem visões de mundo ou éticas particulares” (DAMATTA, 1997 p.47).

É nesse ponto que essa nossa dimensão de representação apresenta um dado relevante, pois nos permite compreender em parte, as tensões existentes nas construções do “ser cooperativado”. A visão valorativa do espaço de trabalho por parte dos cooperados, os valores da casa, engloba os valores da rua, ou seja, os valores de pessoas englobam os valores do indivíduo. Partimos da idéia de que esses valores, mais do que colocados em oposição, ocupam diferentes lugares, constituem mais do que oposições, eles constituem hierarquias.

Assim, o que essa dimensão de representação nos mostra, é que essa construção de indivíduos existentes nas propostas dos “especialistas engajados” entra em choque com a prevalência do um olhar valorativo de pessoa existente na dimensão prática, capaz de englobar as possíveis tentativas de construir uma visão de indivíduo “solidário”. Nessa dimensão das “práticas cooperativas”, o espaço de trabalho constitui um local onde os vínculos das relações sociais, é o elemento valorativo central capaz de explicar, em parte, a tensão existente nas construções do “ser cooperativado”.

As identidades “solidárias”

Além do DaMatta, a dimensão de classe pode ser percebida na prática solidária presente nos processos de construção de identidade. O interesse de conhecer os processos de construção da identidade se faz importante, frente à diferenciação acentuada das experiências de trabalho desses grupos específicos e os diversos atores existentes neste campo de atuação.

No presente trabalho, a concepção de identidade nos será útil na proposição de identificar alguns elementos mais cristalizados na prática solidária.

Luis Fernando Duarte (1986) em seu trabalho *Da Vida Nervosa das Classes Trabalhadoras Urbanas*, propôs um estudo dos trabalhadores urbanos, calcado nas representações sobre o “nervoso, nervosa e nervos” que figuram enquanto

conceitos “nativos”. Esses dados empíricos possibilitaram pensar a identidade e os valores de classe do trabalhador urbano no contexto brasileiro.

Duarte (1986) apresenta uma discussão sobre o sentido das categorias de “classificação” e de “valor” na história do conceito de “identidade social”. Segundo ele, existiria uma busca predominante pela “classificação”, em detrimento do “valor”, o que expressaria uma “fábula classificatória” unidimensional (DUARTE, 1986). A “identidade contrastiva”, conforme afirma DUARTE (1986), poderia apresentar uma dimensão de antagonismos entre grupos (luta de classes em Marx e o “distintivo” de Bourdieu). Esse conceito seria importante, pois possibilitaria identificar a existência de identidades políticas presentes nas práticas cotidianas.

Utilizaremos essa concepção de identidade valorativa, para dar conta dos elementos existentes na prática, principalmente em sua dimensão de classe, presente nas categorias de DaMatta, mas que podem ser mais claramente identificados empiricamente pela noção de identidade. Segundo Duarte:

(...) permite-nos ascender a um nível analítico privilegiado para a compreensão não só das coisas fundamentais dessa cultura (porque se refere necessariamente à sua concepção de pessoa), como do modo pelo qual se retrata e articula a referida relação com os mecanismos sociológicos e culturais dominantes nas sociedades permeadas pelo “individualismo” de que fazem parte (DUARTE, 1986 p. 13).

Durante as entrevistas e observações do cotidiano dessas duas realidades cooperativas, captamos elementos identitários que nos informam sobre os elementos valorativos presentes no discurso desses trabalhadores. Existe uma relação de oposição entre as duas cooperativas, a Coopercostura e a Coopunis possuem uma relação conflituosa entre si, que em um primeiro contato, indicava ser resultado de conflitos e diferenças anteriores³⁵. Após um estudo aprofundado foi possível identificar nessa postura recíproca de conflito, a existência de construções identitárias opostas, ou seja, construções ideológicas e valorativas opostas em relação à noção “economia solidária”.

A Coopunis é uma cooperativa de prestação de serviços. Seus membros não têm na cooperativa, sua principal forma de sustento³⁶. Eles possuem então interesses diversos e difusos relacionado a esse vínculo cooperativo. Porém, existem elementos valorativos relacionados ao ideal de “economia solidária”,

³⁵ Tal como mudança de sala, formas de ingresso de pessoas estranhas no interior do prédio, dívidas de condomínio, postura nas reuniões, e até mesmo, sendo reciprocamente citadas como sendo exemplo de cooperativas sem postura.

³⁶ Muitos ainda moram com os pais, outros possuem trabalhos fixos e tratam a cooperativa como fonte de renda extra. Já outros, reconhecem que estão vinculados ao espaço até conseguir um emprego. Segundo o Cooperado E, “Aqui não se trabalha muito (...) é um espaço que permite continuar os debates travados na faculdade”.

acionados em contextos distintos, que flutuam e misturam valores oriundos dos “especialistas engajados”.

O cooperado E, quando perguntado o que era para ele solidariedade e se ela existia no interior da Coopunis, ele afirma:

(...) tu acaba vendo que existem instituições ainda que tentam reforçar ou criar essa, esse **novo comportamento solidário**. Que até ontem nós estávamos pesquisando alguns projetos e tem vários projetos, vários editais abertos para trabalhar a construção de **uma outra economia**, uma **outra solidariedade**, **não é porque tu quer ter....quer derrubar o capitalismo**, mas **tu trabalhar não nessa coisa de competir com o outro**, de estar ali, de tentar **destruir essa lógica da competição**, que tu está sempre competindo, sempre na mesma. Aí a idéia é assim, **trabalhar a...a solidariedade** numa visão de, de auxílio, ou de **organização de pequenos grupos**, por exemplo que está ali e tu não consegue, talvez **montar um empreendimento**, ou produzir algo único, pensem em talvez trabalhar a questão da tolerância no grupo, a organização, montar esse empreendimento, montar com responsabilidade tem muito mais força (Cooperado E).

Nessa passagem, é possível identificar uma concepção do que é “economia solidária” para este cooperado. Alguns valores que dão sentido a sua concepção, remete a construção conceitual de Jean Laville, na qual defende uma concepção de economia solidária fundada em um modelo de democratização da economia. Assim como o cooperado E, Laville não busca superar o modelo econômico vigente, mas democratizar a economia inserindo novas formas de produção de riqueza, baseado em outros valores e em novos espaços. Neste contexto, o Cooperado E aciona alguns elementos valorativos existentes na proposta conceitual de Laville. Porém, existem algumas variações nessa concepção, por exemplo, quando o mesmo cooperado brinca com o nome da Coopunis ele diz “cooperativa dos universitários solitários” fazendo referência à falta de participação dos demais cooperados e o pensamento individualista que ainda persiste.

Como não é possível aqui, relatar todas as variações e nuances existentes nas falas deste e dos demais cooperados que habitam esse espaço, é possível afirmar que existem diferentes concepções de “economia solidária” no interior desse espaço. Elas variam de contexto e os valores acionados hora são identificados em um autor, hora misturam valores existentes em diferentes propostas conceituais dos “especialistas engajados”. Porém, todas essas concepções e sentidos frente ao trabalho, acionam os “valores solidários” e reafirmam a existência de identidades de “economia solidária”.

Já o caso da Coopercostura, uma cooperativa de trabalho na qual boa parte dos membros encontra na cooperativa, sua única fonte de renda, seus cooperados

possuem um processo de negação aos valores cooperativos e de “economia solidária. Para todos os membros, quando o assunto é solidariedade, cooperativismo e o relacionamento com outras cooperativas, as respostas começavam por “Tu sabe qual é o problema disso” (Cooperado L) ou “Não guri, isso não existe...” (Cooperada J).

Em dado momento da observação, perguntei a cooperada J³⁷ o fato da Coopercostura ter sido classificada no último mapeamento de economia solidária como “cooperativa de economia solidária” e qual seria a visão dela sobre o tema.

Eu não acredito nisso, não acredito. Eu não acredito, sabe porque? Porque é sempre as mesmas pessoas e as mesmas coisas, tu quer entrar...e tu só entra na estatística. Então até hoje, ninguém convidou a gente para uma reunião de economia solidária. Então, né? É por aí. (...) Eu acho assim ó, eu acho que é muito difícil. (...) Eu acho que o pessoal tinha que ser mais **unido**. Quer ver, tu vai numa reunião e cada um quer ver só o seu umbigo. Todo mundo quer ver **só o seu**, claro. Eu não to preocupada com o outro, entendeu? Eu to **preocupada com o meu**. Então eu acho que no fim **economia solidária, cooperativa e empresa particular é tudo a mesma coisa. Não vejo diferença nenhuma**, tá? A não ser em legislação, essas coisa, mas no funcionamento pra mim é a mesma coisa, né? Claro, impostos, essas coisas burocráticas, mas no funcionamento pra mim, é a mesma coisa. Eu vou numas reuniões aí, e o pessoal... desculpa, mas **o pessoal mete o pau nos capitalistas** e não sei o que. E eu digo gente, quem é que não é capitalista aqui? Tu tem carro? Ah tenho..então? **Todo mundo é capitalista**, que mania é essa de dizer que o capitalismo, que o capitalismo, isso não existe mais, **é todo mundo trabalhando para se sustentar**. (...) Eu não enxergo economia solidária, né? É aqui que eu te disse, para mim é uma empresa como outra qualquer. Eu não vejo capitalismo...não vejo economia solidária aí (Cooperada L).

Nessa passagem, evidenciam-se alguns valores acionados com objetivo de construir uma negação da existência de valores cooperativistas e solidários³⁸. É

³⁷ A Cooperada J é natural de Novo Hamburgo, com aproximadamente cinqüenta anos, é formada em administração e atualmente é aposentada. Segundo ela, o trabalho na cooperativa representa uma distração “venho pra cá para não ficar em casa”. Ela é aqui escolhida como porta-voz desse discurso, mas é importante deixar claro que essa postura, é compartilhada pelos demais cooperados.

comum nos discursos dos quatro cooperados da Coopercostura, a diferenciação entre “uma coisa é a teoria, outra é a prática” (Cooperada J). Assim, o cooperativismo e a economia solidária são de ordem da teoria, na ordem prática dominaria o capitalismo. Além disso, é construída uma grade valorativa por parte desta cooperada, onde os valores: políticos, de economia solidária, de solidariedade e de cooperativismo só existem no discurso, na ordem da fala. Segundo a própria cooperada, “Os caras da economia solidária aí, do cooperativismo (...) quando não sabem como fazer, fazem reunião” ou “É só bla,bla,blá...na hora de fazer, não sabem como” (Cooperada J).

Não seria possível, segundo essa cooperada, identificar diferenças na ordem prática entre uma empresa tradicional e uma cooperativa. Essa construção identitária de negação aos valores configura uma clara oposição a proposta de economia solidária. Recorremos à proposta de Paul Singer³⁹, para deixar mais clara essa constatação.

Na proposta de Singer⁴⁰, à dimensão política, democrática e participativa, constituem alguns dos elementos centrais para uma construção coletiva de economia solidária (Singer, 2002). A proposta revolucionária de Singer, na qual o modo de produção solidário permitiria a superação do modo de produção capitalista, revelando a possibilidade de construir uma outra economia é tomada aqui como fonte de inspiração⁴¹. Tomamos a proposta de Singer para pensar a fala dessa cooperada, e identificamos um processo de negação dos valores “solidários” existentes em Singer.

A análise dessas duas realidades nos permite captar os sentidos conferidos a noção e ao mesmo tempo identificar elementos identitários desses trabalhadores inseridos em espaços cooperativados. O conflito entre esses espaços nos permitiu captar elementos identitários opostos, que muito nos diz sobre as relações entre cooperativas.

Considerações Finais

O presente trabalho analisou como são estruturados os valores que conferem sentido a noção “economia solidária”, em distintos espaços de expressão. Nossa conclusão aponta para as diferentes formas de representação no que diz respeito ao papel do “indivíduo solidário” nas construções conceituais, acadêmicas e a dimensão pessoalizada nas práticas cooperativas. Ou seja, na prática de trabalho existiria uma visão de pessoa que englobaria os valores de indivíduo, que nos permite propor uma noção de “pessoa solidária” nesta dimensão.

Essas diferentes formas de pensar e conferir sentido ao que denominam “economia solidária” revela como são concebidas as construções ideológicas, apresentando suas estruturas de pensamento e suas estratégias de legitimação em

³⁸ Para esses cooperados, ao longo de suas falar, os conceitos: cooperativismo e economia solidária, são tratados como sinônimos.

³⁹ Ver pag. 8.

⁴⁰ Ver item “Especialistas engajados”.

⁴¹ Ver pag.17.

diferentes níveis de representação. É importante destacar que as lutas travadas na ordem conceitual, coexistem na prática cooperativa, mas em outros termos, onde as cooperativas podem ter divergências baseadas em diferenças ideológicas que formam sua concepção do que é “economia solidária”.

A busca pela linha comum, o “eixo de crenças” valorativas que conecta as questões teóricas com as questões práticas, nos possibilitou apontar para algumas pistas que nos ajudam a entender como é pensada essa noção para os trabalhadores cooperativados. Este estudo pretende expandir os horizontes analíticos, para futuros estudos que utilizem o conceito “economia solidária” como fontes de sentidos, capazes de problematizar o que é “economia solidária” para quem vive e trabalha em um espaço cooperativo.

Bibliografia

AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Os Valores da Economia Solidária. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11 n 21, jan./Jun. 2009. pp. 282-317.

BARRETO, Raquel de O. e PAULA, Ana Paula Paes de. Os dilemas da economia solidária: um estudo acerca da dificuldade de inserção dos indivíduos na lógica cooperativista. **Cadernos Ebape**, BR, v.7, n.2, artigo 2, RJ, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos: por um movimento social europeu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CATTANI, A. D.; LAVILLE, J.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Coord). **Dicionário internacional de economia solidária**. Coimbra: Ed. Almedina, 2009.

CRUZ, Antônio. **A diferença da igualdade: a dinâmica da economia solidária em quatro cidades do Mercosul**. Tese de doutorado, Instituto de Economia. Campinas: Unicamp. 2006.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

DUMONT, Louis. **Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica**. São Paulo. EDUSC, 2000.

FRANÇA FILHO, G. C. de e Laville, Jean-Louis. **A Economia solidária: uma abordagem internacional**, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004.

FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE, J.; MEDEIROS, A.; MAGNEN, J.; (ORG) **Ação Pública e Economia Solidária. Uma perspectiva Internacional**. Salvador e Porto Alegre: Edufba, UFRGS Editora, 2006.

GAIGER, Luiz Inácio. A dimensão empreendedora da economia solidária: notas para um debate necessário. **Otra Economía**: Revista Latinoamericana de Economía Social y Solidaria, v. 2, pp. 58-72, 2008.

GAIGER, L. E LAVILE, J. Economia Solidária. In. CATTANI, A. D.; LAVILLE, J.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (Coord). **Dicionário internacional de economia solidária**. Coimbra: Ed. Almedina, 2009.

_____. *A Economia Solidária diante do Modo de Produção Capitalista*. 2002. Publicado originalmente no site www.ecosol.org.br.

_____. Empreendimientos económicos solidários. In: CATTANI, A. (Org.). **La outra economia**. Buenos Aires, Altamira, pp. 229-241. 2004.

_____. A economia solidária no Brasil e o sentido das novas formas de produção não capitalista. **CAPAYA Revista Venezolana de Economia Social**. Nº 8, Ano 8, Venezuela 2004c.

_____. Significados e tendências da economia solidária. In **Sindicalismo e Economia Solidária. Reflexões sobre o projeto da CUT**. 1999.

_____. A racionalidade dos formatos produtivos autogestionários. **Sociedade e Estado**. Brasília, UNB, 2006.

_____. A economia solidária e o projeto de outra mundialização. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, IUPERJ, p. 799-834, 2004b.

GONÇALVES, Alícia Ferreira. **Reciprocidade, dádiva & economia solidária**. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul, 2007, Porto Alegre. **Desafios Antropológicos**, 2007.

GUERRA, Pablo. **Socioeconomía de la solidariedad**. Montevideo: Editorial Nordan-Comunidad, 2002.

LAVILLE, Jean-Louis. Ação Pública e economia: um quadro de análise. In. FRANÇA FILHO, G. C.; LAVILLE, J.; MEDEIROS, A.; MAGNEN, J.; (ORG) **Ação Pública e Economia Solidária. Uma perspectiva Internacional**. Salvador e Porto Alegre: Edufba, UFRGS Editora, 2006.

As representações da Economia Solidária: os valores solidários em oposição

_____. Fato associativo e Economia Solidária, **Análise & Dados**, Salvador, v.12 n.1 p. 25-34, 2002.

_____. Do século 19 ao século 21: permanência e transformações da solidariedade em economia. **Revista Katálizes**, Florianópolis, v.11 n. 1 p. 20-42 Jan./jun, 2008.

_____. Definiciones e instituciones de la economia. In. Corragio, J. L. (Org). **Qué es lo econômico? : materiales para un debate necessário contra El fatalismo**. CICCUS, Buenos Aires, 2009.

LECHAT, N. M. P. Economia Moral um conceito bom para pensar economia solidária? **Ciências Sociais Unisinos**, Unisinos. São Leopoldo, v. 37, n. jul – Dez. pp.59-102, 2001.

_____. *Trajetórias intelectuais e o campo da economia solidária no Brasil*. Campinas, SP: Unicamp; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2004. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

_____. **As Raízes Históricas da Economia Solidária e seu Aparecimento no Brasil**. Palestra proferida na UNICAMP por ocasião do II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares dia 20/03/2002 (Disponível em <http://www.ufpa.br/itcpes/>).

LÉVESQUE, Benoît. Contribuição da Nova Sociologia Econômica para repensar a Economia no sentido do desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração de Empresas, RAE**. São Paulo, v.47, n.2 Abr/Jun 2007, pp.49-60.

Malinowski, B. Baloma: los espíritus de los muertos em las islãs Trobrian, In **Magia, Ciência Religião**. Barcelona, Ariel, 1974.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discursos de representação ou como os *baloma* de Kiriwana podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In. CARDOSO, Ruth (Org.) **A Aventura Antropológica Teoria e Pesquisa**. Paz e Terra. São Paulo, 1986.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: origens da nossa época*. Rio de Janeiro, Campus, 2000

RAZETO, L. M. Pueden juntarse la economia y la solidariedad? pp.11-18. In: _____ **Los Caminos de la economia de la solidariedad**. Santiago: Vivarium, 1993.

SINGER, Paul. Economia solidária, um modo de produção e distribuição. In. Singer, Paul e Souza, André Ricardo de. (Org.) **A Economia solidária no Brasil A autogestão como resposta ao desemprego**. 2000.

_____. Economia dos setores populares: propostas e desafios. In. KRAYCHETE, Gabriel; Et all. (Org.) **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis Rj: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador CESE: UCSAL, 2000.

_____. **Introdução à Economia solidária**., Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2002.

_____. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In. (Org) SANTOS, B. de S. **Produzir para viver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b. pp.81-129.

_____. ECONOMIA SOLIDÁRIA. IN. CATTANI, A. D. **A Outra Economia**. Porto Alegre, Veraz Editores, 2003. pp. 116-125.

_____. As grandes questões do trabalho no Brasil e a economia solidária. **Proposta** n.97 Jul/ago 2003b.

_____. Prefácio Um olhar diferente sobre a Economia solidária. In. (Org.) França Filho, Genauto Carvalho e Laville, Jean-Louis. **A Economia solidária: uma abordagem internacional**, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004.

_____. Desenvolvimento Capitalista e Desenvolvimento Solidário. **Estudos Avançados** n.18 2004.